

Parte 1 - Construção epistemológica na interface Comunicação e Educação

Linguagens nos modos de narrar: possibilidades e desafios para a Educomunicação

Helena Corazza

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

CORAZZA, H. Linguagens nos modos de narrar: possibilidades e desafios para a Educomunicação. In: NAGAMINI, E., org. *Questões teóricas e formação profissional em comunicação e educação* [online]. Ilhéus, BA: Editus, 2015, pp. 129-144. Comunicação e educação series, vol. 1. ISBN 978-85-7455-439-6. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Linguagens nos modos de narrar: possibilidades e desafios para a Educomunicação¹

Helena Corazza²

Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC), SP

Este estudo pretende refletir sobre as diferentes linguagens no processo de comunicação e educação, muitas vezes consideradas apenas como técnicas. Elas desafiam o modo de comunicar, a interação entre as pessoas e sua compreensão dos conteúdos, uma vez que pouco se considera a produção de programas de rádio, vídeo, internet como linguagens. Assim como na escrita, os suportes técnicos e combinações estão presentes nas linguagens, o que requer apropriação do conhecimento, como acontece no processo de alfabetização textual.

As expressões plurais e sensoriais na linguagem oral, escrita, sonora, imagética, digital, de forma linear ou não linear, são maneiras de conhecer e narrar o mundo com janelas simultâneas, potencializadas pelas conexões da comunicação mediada pelas tecnologias e constituem desafios para a Educomunicação.

A linguagem como capacidade de falar é uma característica própria do ser humano, enquanto racional, o que garante sua interação social. Essa capacidade comunicativa no convívio social favorece a troca de mensagens, produzidas por um sistema de signos verbais, sonoros, visuais e táteis, que evoluem com as combinações e a hibridização da linguagem, de modo que a comunicação está em trânsito, conforme Citelli (1999), e se torna necessário estabelecer diálogos para a ampliação do campo educativo e comunicacional.

1 Trabalho originalmente apresentado no GP Comunicação e Educação do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

2 Jornalista, doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Diretora e docente no SEPAC (Serviço à Pastoral da Comunicação). *E-mail*: helena.corazza@paulinas.com.br; helenac@usp.br

O sentido das linguagens aqui abordado é da complexidade das maneiras de narrar, assumidas pela mídia, da linguagem verbal, passando pelo texto escrito, visual, sonoro e do hipertexto; linguagens complexas, que “resultam da capacidade de se cruzar, numa mesma situação, vários tipos de signos, hibridizando-os” (CITELLI, 2006, p. 137).

Metodologia e amostragem

Partindo da reflexão elaborada em um dos capítulos da tese de doutorado³ a respeito das linguagens como novas formas de narrar, ainda pouco refletida na Educomunicação, este artigo recupera alguns aspectos das mudanças na linguagem, considerando que ela se constitui e se expressa na combinação de elementos gráficos, visuais, sonoros, tanto no aspecto analógico quanto digital. Essa reflexão considera como as mudanças da técnica possibilitam novas linguagens do impresso ao digital.

Para fundamentar esta reflexão, foi aplicado um questionário por escrito para 15 cursistas participantes do laboratório de Rádio⁴, que exercita a teoria e a prática na produção de conteúdo. Responderam ao questionário quatro homens e quatro mulheres dos estados de PI, MG, ES, BA, CE e SP e uma da Argentina, que está no Brasil para estudos. A formação acadêmica dos que responderam é diversificada tendo a maioria cursado Filosofia e Teologia, uma tem Mestrado em Bíblia, uma é Publicitária, uma Designer, um Educador e uma Radialista cuja idade está entre 23 e 67. O campo de atuação está na área pastoral e educativa, com abrangência, em sua maioria, regional, local, nacional e internacional. As perguntas procuram verificar em que medida as linguagens são consideradas: se apenas como apropriação de técnicas ou como novas possibilidades de comunicar, abrindo para uma visão e canais de comunicação.

A Educomunicação, enfocada neste artigo, reúne em si os elementos da comunicação e a intencionalidade educativa a partir do espaço não

3 CORAZZA, Helena. **Educomunicação: desafios e perspectivas na formação pastoral. A experiência do Serviço à Pastoral da Comunicação (SEPAC).** ECA/USP, 2015.

4 Trata-se do Curso Cultura e Meios de Comunicação, uma abordagem teórico-prática do SEPAC, em convênio com a PUC-SP (COGEAE), cuja metodologia possibilita a apropriação do campo da produção em todo o processo. O laboratório de Rádio tem a carga horária de 50h/aula.

formal em que pessoas jovens e adultas, de formação acadêmica diversificada, refletem e produzem conhecimento na interface com a comunicação, apropriando-se de diferentes linguagens. Entre os elementos percebidos está a participação ativa, a apropriação do conhecimento e o exercício da produção, individual e em grupo, enfrentando os desafios das diferentes linguagens e a atuação prática ou trabalho de intervenção. Seguindo a metodologia teórico-prática que possibilita a apropriação e o exercício da produção que combina e organiza os elementos do texto escrito, da oralidade em suas diferentes expressões, o aprimoramento da comunicação pessoal com os diferentes gêneros e possibilidades no campo da informação, ficção e musical, o trabalho individual e coletivo acontece em todo o processo da produção cultural.

Mudanças nas linguagens pelas tecnologias

As mudanças nas linguagens não são apenas uma dimensão constitutiva da vida social, nem dizem respeito somente aos meios de comunicação, mas têm a ver com uma forma determinada de a própria sociedade ser e se configurar, vinculada à revolução tecnológica da modernidade que elevou a técnica como parte do progresso e da felicidade do homem. Por esta nova configuração, ela provoca uma reelaboração do caráter simbólico da vida social enquanto tal, ligada à pretensão moderna da realização tecnológica dos desejos humanos.

A revolução comunicativa provocada pelo desenvolvimento dos meios de comunicação modificou profundamente a comunicação humana nas sociedades contemporâneas e reestruturou de maneira radical as relações entre as pessoas (THOMPSON, 1998, p. 11), passando da comunicação face a face para a comunicação mediada pelo computador. As linguagens se constituem a partir da cultura e da técnica, por isso não podem ser compreendidas apenas como algo técnico, mesmo se servindo de diferentes recursos para se expressar. Sem entrar em questões mais profundas do conceito de técnica ou tecnologias, por não ser objeto deste artigo, Santaella (2013) adverte sobre a necessidade de compreender a linguagem própria da máquina, porque ela segue lógicas próprias. Neste sentido, procuraremos pensar sobre a técnica como um elemento que faz parte das linguagens mediadas pelas tecnologias e que reconfiguram os modos de narrar.

Assim como a prensa manual do século XIV e a fotografia no século XIX exerceram um impacto revolucionário no desenvolvimento das sociedades e culturas modernas, hoje estamos no meio de uma revolução das mídias e uma virada nas formas de produção, distribuição e comunicação mediadas pelo computador que deverão trazer consequências muito mais profundas do que as anteriores (SANTAELLA, 2013, p. 192).

O fenômeno técnico nasce com a aparição do homem, depois enquadrado pelo discurso filosófico no qual a palavra técnica carrega o duplo sentido: de conhecimento, a *technè*, a arte, o saber das coisas práticas, para depois entrar no processo de cientificação com o surgimento da tecnociência que hoje se chama tecnologia. A *épistémè*, o conhecimento, o saber das coisas teóricas, mais identificada com o pensamento abstrato. A técnica é uma forma de descobrir, desvelar as diferentes linguagens que transitam entre a *épistémè* e a *technè*, o que requer novas habilidades e saberes para se expressar.

Pensadores de diferentes áreas procuram compreender as linguagens para além do conhecimento teórico e abstrato desenvolvido pela inteligência racional, e abrirem-se a outros modos de compreensão e tipos de inteligência, como as inteligências múltiplas, em que Gadner (1994) considera os sentidos e as percepções como formas de conhecimento, na inteligência espacial, visual, auditiva, tátil, arte musical, corpo. A racionalidade que consolidou sua expressão na escola, pela disciplina, lógica, escrita, elaborações conceituais, passa a ser questionada com a chegada das novas tecnologias, que despertam outras formas de aprender e influenciam gradativamente os hábitos cotidianos percebidos pelos sentidos e pela emoção.

Linguagem audiovisual e percepção sensorial

Na década de 1960, o canadense Marshal McLuhan, da universidade de Toronto (1911-1980), vislumbrou a mudança de suportes culturais e sua incidência no ser humano. A “aldeia global”, preconizada por ele, é uma forma de olhar para as mudanças tecnológicas, deslocando o estudo da comunicação da análise dos conteúdos para o exame dos meios de comunicação. Nas três galáxias que o teórico traz, a cultura oral ou acústica, dita e escutada; a cultura tipográfica ou visual de Gutenberg, identificada com o livro; a cultura eletrônica, dos sinais elétricos instantâneos, a velocidade, ele questiona os modos de apreensão do conhecimento unicamente pela escrita. McLuhan percebeu, por suas experiências com o livro, que este desenvolve

a primazia do olhar em detrimento de outros sentidos e que as mídias eletrônicas passariam a envolver mais com o ouvir e os demais membros do corpo. Suas afirmações controvertidas e, para alguns, parciais, refletem uma questão de percepção das linguagens a serem consideradas no contexto atual.

O livro foi a primeira mercadoria produzida em massa. A imprensa, que por definição é uniforme e repetível, não só criou o próprio conceito de “mercadoria” como possibilitou o surgimento de mercados para esses artigos uniformes e repetíveis. É perfeitamente natural pensar que a operação das formas e matrizes da linha de montagem da imprensa, quando se estendeu a todas as formas de produção, deve ter moldado também nossas atitudes para com as atividades da elite (McLUHAN, 2005, p. 37).

Seguindo outra lógica, a linguagem audiovisual desperta atitudes perceptivas, atinge a imaginação e investe na afetividade, na expressão dos sentidos para a percepção do mundo, enquanto a linguagem escrita desenvolve o rigor, a abstração e o espírito de análise. Para a cultura da escrita, a mensagem designa o conteúdo intelectual e está nas palavras, na coerência lógica que privilegia a consciência intelectual clara.

Ao contrário do homem de Gutenberg, treinado para a distância afetiva e para a desconfiança para com a imaginação, o homem da civilização audiovisual eletrônica liga intimamente a sensação à compreensão, a colaboração imaginária ao conceito (BABIN; KOULOUMDJIAN, 1989, p. 107).

Até a era da imprensa, a tecnologia avançou em estágios lentos de modo que as mudanças eram menos percebidas e desestabilizavam menos. Da oralidade ao manuscrito, da indústria ao digital, a sociedade foi se organizando tendo em conta as mudanças de suportes técnicos, e a velocidade tornou-se um componente que interfere na mudança. A sociedade industrial vivenciava e incorporava a emergência dos meios de comunicação com a Imprensa (1456), que socializava o conhecimento pela máquina de imprimir no suporte papel. O livro foi hegemônico por quatro séculos e os jornais tiveram 200 anos para inovar. Quatro séculos depois vem o Cinema (1895), que trabalha a imagem em movimento, 30 anos antes de ser sucedido pelo rádio, que descobre a possibilidade da emissão da voz à distância; a seguir, a televisão que populariza e institui um ritual da comunicação com imagem e som no cotidiano. Com o rádio e a televisão, surgem as formas de produção e armazenamento da informação em som e imagem, que passam por mudanças até chegar ao digital.

A velocidade faz sentir menor distância entre uma invenção e outra, para não mencionar a escala milenar do pintor das cavernas. Do homem tipográfico, passando pelo telégrafo à televisão, o tempo das mudanças foi se abreviando. “A explosão de tipos de meios de comunicação no século XX nos permite, pela primeira vez, apreender a relação entre a forma e o conteúdo, entre o meio e a mensagem, entre a engenharia e a arte” (JOHNSON, 1997, p. 9). A velocidade é a característica das mudanças que contribuem para a criação de novas linguagens que vão se hibridizando pelas combinações, nos diferentes meios de comunicação, interferem no modo de pensar e criar. Com a televisão vem a supremacia da imagem sobre o texto e, em seguida, a *World Wide Web*, possibilitando a rede de conexões em alta velocidade.

Os pressupostos da comunicação sonora se estendem à comunicação audiovisual, na qual predomina a linguagem da modulação, o apelo aos sentidos, a sensorialidade, entre elas, o ouvido. O francês Pierre Babin, que trabalhou com McLuhan, considera essa comunicação como linguagem de modulação, na qual o sentir, o escutar é anterior ao falar e a tensão e receptividade são inerentes à expressão. Para o autor, a linguagem de *modulação* é a primeira que nasce já na vida intrauterina, é a relação com os pais, a comunicação na praça, no interior da família, uma primeira comunicação, matriz de outras.

Kerckhove (1997), sucessor de McLuhan, trabalha a ideia dos meios eletrônicos como extensões não só do sistema nervoso e do corpo, como também da psicologia humana. Baseado na ciência comportamental, aponta os efeitos físicos da televisão sobre o corpo e no sistema nervoso, entendendo que a televisão dirige o corpo e não o espírito por meio de respostas musculares subliminares. Nas mídias eletrônicas, a ênfase é dada à oralidade e ao tato, particularmente na sua relação com a linguagem e com a forma como processamos a realidade sensorial.

Essas considerações envolvem os sentidos, desde o pensar a produção de um texto escrito, sonoro, imagético ou musical, como as percepções pela vista, ouvido, tato, parecendo estar em contradição com o pensamento e uma educação que chame e desperte a consciência. Entretanto, Martín-Barbero e Rey (1999) também caracterizam “uma nova era do sensível” e questionam a postura da elite intelectual que “nos faz insensíveis aos desafios culturais que a mídia coloca” à geração que se diverte com *games* e vê cinema na televisão. Estas colocações podem ser um indicativo da busca de compreender as mudanças nos modos de comunicar que passa pelas diferentes linguagens.

Referindo-se à visão de McLuhan no que diz respeito à informação eletrônica, mais da ordem do “ambiente” que da tecnologia, Sodré (2012) entende que há ali uma hipótese de uma “ecologia” intrínseca aos meios de comunicação, que não se trata apenas do ambiente, mas da interação humana decorrente da experiência educativa. “O que está verdadeiramente em questão é a existência de um novo *bios* [...] o *bios virtual* é, no limite, uma espécie de comunidade afetiva de caráter técnico e mercadológico, onde os impulsos digitais e imagens se convertem em prática social” (SODRÉ, 2012, p. 1988-1989).

Para o autor, a expressão “o meio é a mensagem”, cunhada por McLuhan, é uma formulação, embora incipiente, do *bios* virtual, por indicar que a forma tecnológica corresponde ao conteúdo. Essa nova forma de conviver em que técnicas, conteúdo e pessoas estão juntos e constituem uma única realidade e forma de convivência. As economias se interconectam entre si e se integram ao mundo em redes globais, criando um grande número de comunidades virtuais na interação digital, de acordo com os diversos interesses. A tecnologia passa a ser uma espécie de prótese que faz parte das relações sociais e da gestão nessa nova ambiência.

Narrar na linguagem dos impressos e do rádio

O historiador francês Chartier discute a perda da centralidade do livro com a chegada do digital pela mobilidade nos suportes mais estáveis até agora, como é o livro. Sendo a imprensa a primeira forma de transmissão, disseminação e circulação do conhecimento a partir do século XV, o historiador considera que essa revolução é técnica e caracteriza-se como uma revolução do impresso. Para ele, “a revolução da imprensa não consiste absolutamente numa ‘aparição do livro’. Doze ou treze séculos antes do surgimento dessa nova técnica, o livro ocidental teria encontrado a forma que lhe permaneceu própria na cultura do impresso” (CHARTIER, 1998, p. 96).

McLuhan percebeu que a tecnologia cria uma ambiência para onde o homem transita, esse ambiente presente na atmosfera é algo invisível e se traduz em formas de perceber o mundo, hábitos e estilos de vida, com as tecnologias como prolongamento do corpo, ou próteses, conceito trabalhado por outros autores. Para Del Bianco (2005, p. 156),

a partir desse argumento, McLuhan concluiu que a era eletrônica abalou os fundamentos enraizados na experiência de mundo do homem

tipográfico por que o colocou imerso num mundo visual, áudio-tátil, simultâneo e 'tribalizado' muito diferente do mundo linear e destribalizado criado pela cultura letrada. A palavra impressa fizera a civilização ocidental letrada homogênea, uniforme e unidimensional. O rádio, ao contrário, estabeleceu conexão íntima com a cultura oral, graças ao seu poder de envolver e afetar as pessoas em profundidade.

Para a autora, “o rádio é a tecnologia da tribo”, que resgata o sentido de comunidade, a voz do quarteirão, o localismo, a magia tribal antes soterrada na memória, o acesso ao mundo não visual, a comunicação íntima e particular de pessoa a pessoa. Sendo parte da cultura oral, quando se aprende a produzir na linguagem radiofônica, entende-se que ela requer proximidade com a vida cotidiana, da conversa do dia a dia; daí a arte de escrever como se fala, de pensar na situação e no tempo do ouvinte imerso no seu cotidiano, dentro de casa, no trabalho, no trânsito, no hospital, nas mais diversas formas e, na era digital, ter em conta que ele ouve cada vez mais pelo celular. A cultura oral traz a proximidade como magia da tribo, o sentir-se juntos na linguagem nas temáticas regionais ou globais em cada segmento.

Rádio é linguagem, tecnologia, relacionamento, redes, convergência; é arte de comunicar com leveza, mais ligado ao lúdico e ao afeto; é fala que envolve a língua, a linguagem oral, a palavra, os sons, os efeitos especiais, a organização do discurso, a interlocução, a troca; compõe-se de técnica, também de linguagens e de vida cotidiana. Sua invenção está ligada à propagação da voz e de poder se ouvir a voz humana a distância. Esta foi a experiência do brasileiro, Landell de Moura, em suas descobertas pioneiras. Como há um aprendizado da oralidade pela convivência e pelo fato de ouvir outras pessoas, a escola prepara, sobretudo, para a aprendizagem da cultura letrada, reconhecer o alfabeto, aprender a ler e a escrever. Neste caso, não se observa uma separação entre a técnica e a linguagem, pois tudo resulta na linguagem.

As linguagens audiovisuais, talvez por virem depois e trabalharem com combinações de signos textuais, sonoros e imagéticos, são tratadas de técnicas até sem refletir, ou pelo senso comum de que a linguagem é a oral e a escrita. Dessa forma que chamamos de técnicas (técnica de redação, técnica de reportagem) e, não raro, os gêneros (informativo, musical, dramaturgia) assumem em si linguagens próximas da cultura oral e da vida cotidiana. A linguagem da palavra bem articulada, clara, modulada para ser agradável ao ouvido do interlocutor; a construção do discurso na sua ordem direta, com a repetição dos aspectos mais importantes na notícia, é uma das características da linguagem radiofônica, diferente da cultura do livro. A mixagem torna-se

uma linguagem que une a voz, a sonoridade com vinhetas, efeitos sonoros com noções de espacialidade que ambientam o ouvinte é outra característica que considera a sensorialidade de criar imagens e sua própria narrativa a partir dos elementos verbais e sonoros oferecidos.

A portabilidade, tão decantada na tecnologia digital, é uma característica da linguagem do rádio, desde a invenção do transistor, favorece a atualidade do rádio, acima de outras formas de comunicação. Atualmente, pode-se dizer que o rádio abriu novos canais pela linguagem multimídia, sobretudo, no formato digital, com imagens, fotos, navegabilidade, num composto do hibridismo que caracteriza as mídias contemporâneas.

A linguagem no rádio no olhar dos produtores

Na experiência do laboratório de Rádio, trabalhando teoria e prática, exercitando a produção na prática, ao serem perguntados por que procuraram este curso, as respostas indicam a busca de “capacitação pessoal para servir melhor e dinamizar a comunicação”, “adquirir conhecimento que possibilitem atuar e produzir comunicação”, “para a minha formação e a missão com os meios de comunicação”.

Algumas respostas revelam a busca da inter-relação ou interface da comunicação com outras áreas do conhecimento como a Educação e a Bíblia: “melhorar a comunicação na educação”, conforme um educador; “quero colaborar na Teologia Bíblica da comunicação de Deus com a humanidade”, diz uma docente que atua na formação bíblica de agentes pastorais e em cursos a distância.

Diante da indagação sobre o aprendizado prático “o que você mais quer aprender quando faz um laboratório”, as respostas podem ser agrupadas em aspectos de linguagem e das técnicas, do exercício prático e da ordenação. Fica evidente a necessidade da apropriação do conhecimento com “as técnicas e as linguagens específicas do laboratório”, “a forma de comunicar a Palavra para a realidade atual, no contexto em que as pessoas vivem”. A principal busca é da apropriação dos conhecimentos práticos de “como melhor atuar na locução e apresentação”, “como o laboratório estudado funciona na prática”, “técnicas do fazer e o funcionamento”, “eu quero mesmo fazer, aprender técnicas, falar, fazer os exercícios”. Por se tratar de lideranças, a busca de indicadores relativos à “organização dos conteúdos e coordenação”, “organização, elaboração, produção e coordenação de

um programa de rádio”, “as possibilidades do rádio hoje”, como “organizar o programa e atuar”, “como criar uma Rádio do início, meio e fim”.

Ao serem indagados sobre o que apreciam na metodologia do laboratório, os aspectos mais citados referem-se à “integração entre teoria e prática na forma expositiva (fundamentação), na forma de laboratório (exercício)”, “a troca de experiências, o compartilhamento e a riqueza cultural do curso”, “a participação ativa e criativa do aluno”, “o trabalho em equipe”, “a dinâmica das aulas e o método participativo”, “o dinamismo, os recursos audiovisuais, metodologia e capacitação dos professores”.

É clara a necessidade de apropriação do conhecimento prático da linguagem, mais entendida como técnica, que possibilita o processo de criação. Esses aspectos recordam alguns valores que a Educomunicação tem em seus pilares para a formação cidadã, entre eles, o processo participativo, o ser humano como sujeito do processo, a apropriação ou *empoderamento* que desperta para a criação e a elaboração, proporcionando aos líderes se tornarem “intelectuais orgânicos” no processo educacional. A troca de experiência e o compartilhamento de informações na diversidade cultural é um ponto mencionado no processo de participação.

Sabendo que as narrativas compõem-se de diferentes linguagens e gêneros como informativo, musical, teatral, ficcional, procuramos ainda saber se o cursista considera esses elementos importantes e como é seu cuidado na produção de um texto, um programa de rádio, a produção de conteúdos para as redes sociais. As considerações vão do cuidado com a língua portuguesa aos textos e a linguagem para cursos a distância. “É essencial prezar por uma linguagem e ortografias de acordo com os padrões vigentes da língua portuguesa até quando também há uma linguagem de fácil entendimento pelos leitores”, “para haver uma boa comunicação é necessário uma linguagem compreensível”. Esse cuidado está na preocupação com a simplicidade. “Escrevo para o curso EAD de Teologias Bíblicas. Busco encontrar uma linguagem aceitável, simples, sem omitir o que é fundamental sobre cada conteúdo pelo fato de ser mais difícil e exigente”.

De fato, as redes não são apenas técnicas, mas sociais, e configuram a sociabilidade na esfera pública na disseminação do conhecimento em diferentes áreas. Elas “misturam lógicas, velocidade e temporalidade tão diversas como as que entrelaçam as narrativas orais, com a intertextualidade das escritas e a intermedialidade do hipertexto” (MARTÍN-BARBERO, 2014, p. 111).

O cuidado da linguagem, expressar-se com clareza, também “depende do público-alvo e é de extrema importância”. Contribuições revelam o

olhar funcionalista em relação aos conteúdos: “na linguagem está a mensagem ou a eficiência da mesma. É ela que produz ou não o efeito esperado”, “creio que a linguagem correta e direta contribui para a assertividade”, diz outro cursista. A partir de quem trabalha no Rádio, “quando produzimos devemos ter em mente a responsabilidade que isso traz e os efeitos que pode gerar”.

Tendo em vista que a pessoa é comunicação, perguntamos se o modo de comunicar (voz, postura, modo de se apresentar) faz a diferença na comunicação. Embora pouco elaboradas, as respostas indicam uma reflexão de que “o canal, o como da transmissão é fundamental”; “para que haja uma comunicação efetiva é necessário desenvolver todos os meus dons para que a comunicação ocorra com sucesso e exatidão”. Também porque “envolve as pessoas, desperta interesse e participação”, e que “faz toda a diferença. Na verdade, no mundo da comunicação está a diferença entre ser ou não ser ouvido”, “porque reflete a sua convicção, segurança, coerência e interesse no tema tratado”.

O modo de comunicar supõe o conceito de modulação: a vibração que chega às pessoas e as toca. Ela não se restringe às palavras, mas envolve a percepção, a ambiência, o som, a presença. O discurso-palavra pode opor-se à modulação, se não contém aquela carga que contagia, enquanto a fala pode estar mais próxima da modulação, pois ela está em alguém, exprime uma intenção e uma presença que se revela. O exemplo da vibração das imagens e da música que toca o corpo é a FM (frequência modulada) e o conforto de escutá-la.

Narrar nas linguagens na Cibercultura

A cibercultura tem lógicas próprias, como linguagem não linear e interativa, sendo potencialmente um espaço democrático, pela liberação do polo do emissor. Muda o processo comunicacional de modo que na rede pode-se produzir conteúdo, enquanto na comunicação de massa a competência é dos jornalistas, profissionais e empresas. Com o acesso ao código, qualquer pessoa pode produzir, postar em seu blog, site ou nas redes sociais digitais. Essa reconfiguração pode ser percebida na combinação de diferentes linguagens em texto, som, imagens estáticas ou em movimento e navegabilidade, conforme projeto da arquitetura da informação, culminando em redações convergentes com um novo profissional.

Assim cada transformação midiática altera nossa percepção espaço-temporal. Lemos (2002) caracteriza cibercultura como as mudanças na cultura contemporânea, associadas às tecnologias digitais, que compreendem o

ciberespaço, a simulação, o tempo real, o processo de virtualização e como cria uma nova relação entre a técnica e a vida social.

Compreender os desafios da cibercultura nos obriga a buscar, nas raízes do fenômeno técnico, a compreensão da cultura contemporânea. Não podemos compreender os paradoxos, as potencialidades e os conflitos da tecnologia na atualidade sem uma visão da história da tecnologia e de seus simbolismos respectivos, sem ter percorrido as principais correntes da filosofia da técnica (LEMOS, 2002, p. 25-26).

O rádio é uma mídia que se adaptou à linguagem da internet abrindo novos canais de comunicação com seu público. Não se trata apenas de transmitir a programação já existente pela internet, mas de se adequar a essa linguagem multimídia digital. A web rádio pode ser configurada nesse modelo e o ouvinte que antes participava por telefone, pode interagir de forma colaborativa com informações e produções. Segundo Prata (2009, p. 70-71),

o casamento entre rádio e internet certamente acompanhará este processo e, num futuro bem próximo, soará como linguagem ultrapassada a emissora que não oferecer, além do áudio, também conteúdos imagéticos e textuais ao seu público, ampla possibilidade de canais, intensa interação com o receptor e possibilidade real de produção de conteúdo por parte do usuário.

Os novos canais para a comunicação radiofônica são uma realidade comprovada no cotidiano dos que se informam por dispositivos móveis, como o celular para ouvir e interagir com a rádio a partir do lugar onde se encontram, narrando fatos, informando e opinando. A produção de conteúdos para a web que agrega as diferentes linguagens e requer um projeto editorial e a arquitetura da informação para macro e micronarrativas, que envolve a hierarquização da informação e a navegabilidade, é um recurso de linguagem e um desafio a ser incorporado: “escrever para ser ouvido, com as imagens ditando a narrativa” (SCHWINGEL, 2012, p. 99).

A linguagem como prática da conversação na rede

A complexidade das linguagens traz múltiplas possibilidades de escolhas em novas formas de conversação pelas mídias digitais com os *chats* ou conversas *on-line* que trazem formas abreviadas do código da língua portuguesa. É uma retomada da conversação cotidiana pela comunicação

mediada em tempo real, estando os interlocutores em interação recíproca e simultânea com uma dinâmica própria. São duas ou mais pessoas que se comunicam nas diversas formas de interesse, das conversas para projetos comuns a estabelecer ou reforçar laços sociais.

Trata-se de uma linguagem, entendida como “internetês”, que retoma a escrita com outras características da internet, entre elas, a oferta de múltiplos recursos, a velocidade operacional em tempo real, a interatividade digital. O ambiente da internet traz consigo o texto, o som, a imagem estática ou em movimento e o sujeito sente-se em liberdade para inovar sem aparente controle de normas linguísticas ou de pessoas, o que favorece a inovação na linguagem.

Alguns aspectos da conversação na rede representam espaços de lazer, “lugares virtuais onde as práticas sociais começam a acontecer, seja por limitações do espaço físico, seja por limitações da vida moderna, seja apenas pela comodidade da interação sem face” (RECUERO, 2012, p. 17). Estas são novas formas de estar juntos na sociedade contemporânea a partir de práticas de relacionamento no ciberespaço, também utilizada para causas sociais.

Uma das características da conversação mediada pelo computador é que o meio a transforma, sendo que a maior parte dessa conversação opera sobre bases com predominância textual, introduzindo uma hibridização das linguagens escrita e oral, algumas vezes, com vídeo e voz. Outra forma de expressar a entonação vocal e a expressão facial, bem como os gestos que acompanham o enunciado, é a apropriação de caracteres simbólicos, como o uso de *emoticons*, ou seja, “conjuntos de caracteres do teclado que simbolizam expressões faciais como sorriso, tristeza” (RECUERO, 2012, p. 46), ou sons onomatopaicos com a repetição de letras para dar a sonoridade desejada.

A conversação na rede assume um caráter híbrido, alinhando elementos da língua falada e escrita e possui caráter dialógico próprio da fala, realizado na tela do computador. Melo (2010, p. 46) entende que o que acontece com o “internetês” não é simplesmente a modalidade da escrita ou a modalidade falada da língua, mas outro nível mais complexo: “marcas da oralidade presentes na escrita eletrônica”. Essas marcas atingem a conjugação verbal, a grafia fonética, a pontuação, a estrutura paralinguística para expressar as emoções.

Considerações finais

Os novos modos de narrar dizem respeito às múltiplas formas das condições do saber e compartilhar conhecimentos com as diferentes linguagens que estimulam um novo *sensorium*, com possibilidades e desafios. Como parte do cotidiano, as linguagens possibilitam o diálogo e a proximidade com o interlocutor, sobretudo, as crianças e os jovens. Conteúdos da história da humanidade com formatos novos de sonoridade, visualidade e acesso por tantos canais de comunicação disponíveis no dia a dia.

A formação de novos produtores de conteúdo, além dos profissionais da comunicação, lideranças de todas as áreas, produtores populares, educadores, intelectuais de diversas áreas apropriam-se do conhecimento e trabalham na interface com a comunicação. Aprender ou apropriar-se de novas “técnicas” de comunicação é trabalhar o *empoderamento* de tantos que não têm acesso à informação hegemônica, mas como sujeitos do processo, têm sua palavra a dizer para a sociedade.

Entre os desafios, há necessidade de aprofundamento do conceito de linguagem, tradicionalmente ligada à oralidade, ao texto escrito e literário, abrindo para outras formas de conhecimento como o audiovisual e o digital. Daí a necessidade de continuar investindo na formação de educadores e lideranças para que entrem com competência nas linguagens para a educação e a cultura. Há, sem dúvida alguma, uma mudança cultural e tecnológica acontecendo para a qual educadores e lideranças precisam estar atentos e ver como integrar a gama de conhecimentos existentes com as novas linguagens que também já se traduzem pela presença ou ausência na rede.

Continua o desafio de aliar a reflexão às práticas de produção para que a apropriação do conhecimento seja enriquecido com a compreensão das linguagens das mídias eletrônicas e digitais, sem considerá-las apenas técnicas no uso instrumental ou linguagem de segunda categoria.

A dimensão social das linguagens associa-se a técnicas que possibilitam a materialidade textual, sonora, imagética, digital, com suportes técnicos, nem por isso sendo confundida com “técnicas”, pois são novas formas e canais de comunicação.

Referências

- BABIN, P.; ZUKOWSKI, A. **Mídias, chance para o Evangelho**. São Paulo: Loyola, 2005.
- _____.; KOULOUMDJIAN, M. F. **Os novos modos de compreender a geração do audiovisual e do computador**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- CHARTIER, R. **A ordem dos livros**. Brasília: Ed. UnB, 1998.
- CITELLI, A. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. **Comunicação e educação: a linguagem em movimento**. São Paulo: SENAC, 1999.
- DEL BIANCO, N. O tambor tribal de McLuhan. In: MEDITSCH, E. **Teorias do Rádio**. Textos e contextos. Vol 1. Florianópolis: Insular, 2005, p. 153-162.
- GARDNER, H. **Estruturas da Mente**. A Teoria das Inteligências Múltiplas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- JOHNSON, S. **Cultura da Interface**. Como o computador pode transformar nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- KERCKOVE, D. **A pele da cultura**. Relógio D'Água: Lisboa, 1997.
- LEMOS, A. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. Sulina: Porto Alegre, 2002.
- McLUHAN, M. **McLuhan por McLuhan: entrevistas e conferências inéditas do profeta da globalização**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.
- MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.
- _____.; REY, G. **Os exercícios do ver**. Hegemonia audiovisual e ficção televisiva. São Paulo: SENAC, 1999.
- MELO, L. M. de. **VMS TC??? Internetês: prática conversacional na WEB**. Monografia PUC-SP (COGEAE)/SEPAC. São Paulo, 2010.
- PRATA, N. **Webradio, novos gêneros, novos formatos, novas formas de interação**. Florianópolis: Insular, 2009.

RECUERO, R. **A conversação na rede.** Comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

SANTAELA, L. **Comunicação ubíqua.** Repressões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

SCHWINGEL, C. **Mídias digitais.** Produção de conteúdo para a web. Paulinas: São Paulo, 2012.

SODRÉ, M. **Reinventando a educação.** Diversidade, descolonização e redes. Petrópolis: Vozes, 2012.

THOMPSON, J. B. **A mídia e a modernidade.** Uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.